

## “Da Cultura do Corpo”: 30 anos depois

*“Da Cultura do Corpo”: 30 years later*

*“Da Cultura do Corpo”: 30 años después*

**JOCIMAR DAOLIO<sup>1</sup>**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, UNICAMP, CAMPINAS-SP, BRASIL

### RESUMO

Este ensaio propõe-se a um comentário do próprio autor a respeito da repercussão do livro *Da Cultura do Corpo*, editado em 1995 e que teve grande circulação na área de Educação Física, estimulando vários estudos e pesquisas com referencial da Antropologia Social. Faz um histórico da produção do mesmo e discute suas principais contribuições teóricas. Dentre essas destaca-se a apresentação para a área de Educação Física de autores da Antropologia, como Marcel Mauss e Clifford Geertz; a centralidade do conceito de cultura; a consideração da atuação do professor de Educação Física como prática cultural; a construção cultural do corpo; e a apresentação da etnografia como método de pesquisa importante para a área escolar.

**Palavras-chave:** Cultura. Corpo. Educação Física.

### ABSTRACT

This essay proposes a comment by the author himself regarding the repercussion of the book *Da Cultura do Corpo*, edited in 1995 and which had a wide circulation in the field of Physical Education, stimulating several studies and researches with reference to Social Anthropology. It makes a history of its production and discusses its main theoretical contributions. Among these, the presentation for the field of Physical Education by Anthropology authors, such as Marcel Mauss and Clifford Geertz; the centrality of the concept of culture; the consideration of the role of the Physical Education teacher as a cultural practice; the cultural construction of the body; and the presentation of ethnography as an important research method for the school area.

**Keywords:** Culture. Body. Physical Education.

### RESUMEN

Este ensayo propone un comentario del propio autor sobre la repercusión del libro *Da Cultura do Corpo*, publicado en 1995 y que tuvo una amplia circulación en el campo de la Educación Física, estimulando varios estudios e investigaciones con referencia a la Antropología Social. Hace una historia de su producción y discute sus principales aportes teóricos. Entre estos, la presentación para el campo de la Educación Física de autores de Antropología, como Marcel Mauss y Clifford Geertz; la centralidad del concepto de cultura; la consideración del papel del profesor de Educación Física como práctica cultural; la construcción cultural del cuerpo; y la presentación de la etnografía como método de investigación importante para el ámbito escolar.

**Palabras clave:** Cultura. Cuerpo. Educación Física.

---

<sup>1</sup> Professor Aposentado da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Site: [www.jocimardaolio.com.br](http://www.jocimardaolio.com.br). E-mail: [jocimar.daolio@gmail.com](mailto:jocimar.daolio@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3839-2866>.

## ENSAIO

Neste 2022 em que completo 30 anos de Mestrado, 25 de Doutorado, 20 de Livre Docência e 10 anos do título de Professor Titular da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, recebo honrado e com alegria o carinhoso convite da editoria da revista *Motricidades*, na pessoa do professor Luiz Gonçalves Junior, para comentar a publicação do meu livro “Da Cultura do Corpo” por ocasião dos 28 anos de sua publicação.

Creio ser necessário inicialmente historiar, ainda que rapidamente, como cheguei à construção desse livro, antes de discorrer sobre as contribuições teóricas do mesmo. Publicado em Janeiro de 1995 pela Editora Papyrus, o livro foi consequência da dissertação de mestrado (DAOLIO, 1992) que defendi em Dezembro de 1992 na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP) (por isso refiro-me no título a 30 anos do trabalho) com o título “A Representação do Trabalho do Professor de Educação Física na Escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão”. Tendo ingressado no mestrado em 1988 com um projeto de pesquisa sobre o corpo do adolescente, resolvi dar uma guinada nos estudos a partir de 1989. Isso só foi possível porque o tempo total de mestrado naquela época no programa da USP era de cinco anos, fato impensável nos dias de hoje. O mestrando atualmente, com anuência de seu orientador, é aconselhado a não se desviar de seu projeto original, sob risco de não conseguir defender o trabalho no prazo estipulado. Naquela época, os mestrandos eram muito incipientes em relação à pesquisa e os programas de mestrado e doutorado eram mais longos, justamente para inserir o aluno nessa dimensão.

Na década de 1980 a área de Educação Física já dava seus primeiros passos em direção aos estudos referenciados pelas Ciências Humanas. Eu havia tido contato com o livro “Conversando Sobre o Corpo”, organizado pela Professora Heloisa Turini Bruhns (BRUHNS, 1986), que reproduzia um evento no qual a professora havia convidado acadêmicos de diferentes áreas para abordarem a temática “corpo”. Um capítulo, em especial, me chamou a atenção, escrito pela Professora Suely Kofes, antropóloga que afirmava que não seria possível discutir “corpo” sem acessar o clássico texto de Marcel Mauss sobre o que ele chamava de técnicas corporais. Esse autor, considerado um dos pais da Antropologia, era absolutamente desconhecido na área de Educação Física e mesmo hoje talvez ainda seja pouco estudado. O fato é que me encantei pela apresentação que a Professora Suely Kofes fez de Mauss afirmando que o corpo expressa a própria dinâmica cultural de um grupo ou de uma época específica (MAUSS, 2003). Ou seja, havia a possibilidade de estudar o corpo pela perspectiva cultural, fato que, se é óbvio atualmente, era absolutamente impensável na área de Educação Física naquela época.

Animado com essa perspectiva antropológica que eu via se abrir para meus estudos, embora ainda não conseguisse compreender completamente o alcance que esses estudos viriam a tomar na minha vida, fui buscar ajuda no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, oportunidade em que fui muito bem acolhido, primeiramente pela Professora Carmen Cinira de Macedo, que viria a ser minha orientadora no mestrado, posteriormente pelos demais professores do departamento e pelos alunos que lá faziam seus estudos de mestrado ou doutorado.

Foi nesse momento que comecei a cursar várias disciplinas do programa de Pós-Graduação da Antropologia, conhecendo um pouco sobre os autores clássicos e contemporâneos da área. Pude aprofundar os estudos sobre Marcel Mauss e também conheci a obra de Clifford Geertz, autor que na época era novidade e causava grande interesse no Departamento de Antropologia. Meu interesse nunca foi o de me desviar da área de Educação Física, pelo contrário, considerava importante a abordagem antropológica para compreender as questões da Educação Física, em especial a área escolar, embora não fosse capaz na época de ter clareza sobre onde esses estudos iriam me levar.

Ainda antes da defesa de mestrado, passei a escrever alguns artigos tentando relacionar minhas recentes reflexões a partir da Antropologia com a área de Educação Física. Em 1989 publiquei dois artigos, um discutindo a aprendizagem motora a partir da Antropologia (DAOLIO, 1989a) e outro tomando o futebol brasileiro como fenômeno sociocultural (DAOLIO, 1989b). Ainda que fossem textos um tanto simplistas e fazendo uma relação mecânica entre as duas áreas, expressavam a tentativa de abrir novas frentes de estudo absolutamente inovadoras para a Educação Física. Nesses textos eu já utilizei alguns autores da Antropologia, como Marcel Mauss, Roberto DaMatta, José Carlos Rodrigues, Pierre Clastres, Suely Kofes, Arno Vogel, e outros.

Chegada a hora de pensar no exame de qualificação, em 1991, apresentei na Escola de Educação Física e Esporte da USP um texto preliminar sobre a dissertação, que viria a ser defendida ao final de 1992. Meu objetivo era analisar o trabalho do professor de Educação Física na escola a partir de uma abordagem antropológica. O tema em si era recorrente no programa, porém a abordagem era inovadora e causou estranhamento aos membros da banca, que consideravam o trabalho mais próximo da área de Antropologia do que da Educação Física. Isso numa época em que a Escola de Educação Física tentava defender a especificidade teórica da área. Insisti na abordagem antropológica e tive alguma dificuldade em justificar a dissertação à banca. Nesse momento foram fundamentais na defesa da dissertação as participações de minha orientadora, Professora Maria Lucia Montes (que substituiu a Professora Carmen, falecida precocemente) e o Professor José Guilherme Magnani, ambos do Departamento de Antropologia.

Perguntado por um membro da banca se eu considerava o texto apresentado relevante, eu argumentei, quase profeticamente, que essa pergunta só poderia ser respondida alguns anos depois. Se o texto ficasse tomando poeira nas estantes (naquela época as dissertações e teses ficavam fisicamente nas estantes) ele se mostraria irrelevante, mas se a dissertação se tornasse livro e esse livro circulasse e fosse lido por muitas pessoas, como de fato ocorreu, ele seria relevante.

Após a defesa, encaminhei um artigo para a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (DAOLIO, 1994) que tentava resumir a dissertação. Encaminhei também o texto na íntegra para a Editora Papirus, que já havia iniciado a publicação de trabalhos da área de Educação Física. O texto foi aprovado para ser publicado e passou por uma cuidadosa revisão do Professor João Paulo Medina, que sugeriu uma organização que tornou o texto mais ágil e fácil de ser acessado por um público maior. Foi nesse momento que a equipe da Editora Papirus sugeriu como título “Da Cultura do Corpo”, que o tornaria comercialmente mais interessante. Analiso hoje que esse título não contempla especificamente a temática do trabalho na sua totalidade, ou seja, a atuação do professor de Educação Física na escola e remete à compreensão de que o livro trata apenas da temática “corpo”. De fato, o segundo capítulo do livro aborda a construção cultural do corpo humano, com três subcapítulos, a natureza cultural do ser humano, o corpo como sede de signos sociais e uma recuperação das principais ideias de Marcel Mauss, importante para apresentá-lo à área de Educação Física. No primeiro capítulo havia uma explanação sobre o olhar antropológico, até então novidade na área, e nos terceiro e quarto capítulos eu apresentava a pesquisa propriamente realizada com os professores de Educação Física.

Na Introdução do livro apresentei o objetivo do trabalho da seguinte forma:

Ao olhar para um grupo de professores de Educação Física, propusemo-nos a ver neles, na interação entre ação – o que fazem – e representação – como justificam o que fazem –, a síntese de toda uma experiência. Porque os professores de Educação Física são atores sociais, que trabalham num determinado cenário – escola, bairro, cidade etc. – utilizando determinados conteúdos e seguindo determinadas regras, crenças, valores, certezas etc.

Tudo isso possui raízes na própria dinâmica da vida social. São essas ligações entre a prática cotidiana dos professores e as questões sociais mais amplas que serão mostradas neste trabalho. A nossa intenção é desvendar, no plano simbólico da cultura, a lógica que rege a atuação de professores de Educação Física da rede pública [...] (DAOLIO, 1995, p.18).

O fato é que a repercussão do livro foi impressionante, tornando-se um dos livros mais vendidos na área de Educação Física, embora eu não saiba precisar o número de exemplares vendidos. Quando passou a compor a bibliografia de concursos públicos pelo país, tornou-se leitura obrigatória, mesmo para aqueles que não teriam interesse direto na temática. Essa repercussão, surpreendente também para mim, permite algumas considerações, que desfoam o trabalho do seu autor e remetem à reflexão da demanda da área nos anos 1990. Muitos livros já estavam sendo lançados desde a década de 1980 com referenciais teóricos oriundos das Ciências Humanas, além de artigos científicos e eventos acadêmicos. Havia uma demanda teórica na/da área, como se houvesse uma expectativa por produções que pudessem sistematizar essa necessidade. Isso caracteriza a riqueza acadêmica e a importância histórica da Educação Física brasileira das décadas de 1980 e 1990, fenômeno que os mais jovens talvez não consigam compreender na sua complexidade.

Tendo historiado rapidamente a produção do livro em questão desde a dissertação que o originou, posso tentar agora abordar alguns aspectos teóricos inovadores apresentados pelo trabalho e que contribuíram para a repercussão do livro. João Batista Freire, autor de “Educação de Corpo Inteiro” e vários outros, me deu muito orgulho ao prefaciá-lo. Afirmava ele que “[...] os estudos feitos no campo da Antropologia passarão, a partir destes escritos, a despertar maior interesse entre os profissionais da área de Educação Física” (FREIRE, 1995, p.10). Realmente a Antropologia Social passou a ser considerada como referencial importante a ser considerado para estudos e pesquisas da área de Educação Física.

Como se sabe, o conceito de Cultura, se não é exclusividade da Antropologia Social, é fundamental para esse campo, constituindo-se em temática basilar para os estudos do ser humano a partir de aproximações teóricas antropológicas. Uma pesquisa que, de forma precursora na década de 1990, adotou referenciais antropológicos, trouxe para o campo de estudos da Educação Física a centralidade do conceito de cultura. Já havia produções teóricas que utilizavam este conceito adjetivado de complementações, tais como “corporal”, “de movimento”, “corporal de movimento”, “física”, porém não se debruçavam sobre o conceito de cultura propriamente dito. Creio estar aí a principal contribuição do meu livro, que ancora a prática do professor na escola na dinâmica cultural. Em outras palavras, a prática do professor de Educação Física, para além de uma operacionalização de conteúdos relacionados ao corpo e movimento, ou para além de uma aplicação de um currículo de uma rede de ensino, é uma prática cultural. Como disse, atualmente isso soa um tanto óbvio, porém estávamos no início da década de 1990, ainda muito próximos e reféns do tecnicismo esportivo e das concepções biológicas que sustentavam teoricamente a área.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Antropologia: um deslocamento do olhar”, tento fazer uma apresentação da área para a Educação Física, mostrando como a Antropologia surgiu num contexto evolucionista do século XIX, e se desenvolveu ao longo do século XX rumo a premissas que negassem o etnocentrismo preconceituoso de seu início, caracterizando o chamado “olhar antropológico” e o “deslocamento do olhar”. Escrevi ao final do primeiro capítulo do livro: “[...] o chamado ‘olhar antropológico’ implica uma relação especular entre quem olha e quem é olhado. Olhar para o outro é, em alguma medida, olhar para si, mesmo através do outro, porque a forma de olhar é também influenciada pela cultura” (DAOLIO, 1995, p.30). Acredito que a prática dos professores de Educação Física na escola passou a ser olhada de outra forma, reconhecendo a dinâmica cultural em que ocorrem as aulas, considerando o saber trazido pelos alunos e a vinculação sociocultural dos professores.

Esse histórico da Antropologia se fazia necessário na época porque a área de Educação Física, de maneira geral, ainda não acessava esses conhecimentos. Lancei mão de vários autores da Antropologia, tais como Carlos Rodrigues Brandão, Roberto DaMatta, Eunice Durham, Robert Hertz, Suely Kofes, Adam Kuper, François Laplantine, Claude Lévi-Strauss, Gilberto Velho, José Carlos Rodrigues, Marcel Mauss e Clifford Geertz. Em relação à contribuição de Marcel Mauss, já fiz menção da sua importância para os estudos sobre o corpo a partir de seu conceito de técnicas corporais, ainda na década de 1930. O segundo capítulo de meu livro trata da construção cultural do corpo, utilizando vários autores, mas dedicando um espaço às contribuições de Mauss para a criação da Antropologia e para os estudos sobre o corpo. Posso concluir hoje que isso foi importante para difundir as suas ideias ao campo da Educação Física. Sabemos hoje que os estudos sobre o corpo a partir de referenciais biológicos, se são importantes e necessários, não contemplam o fenômeno corporal humano na sua totalidade, porque há usos específicos e valorativos do corpo, construções culturais diversas, representações diferentes, enfim, dinâmicas culturais que devem ser contempladas nas análises sobre o tema.

Concluí o segundo capítulo do livro com a seguinte frase, anunciando a pesquisa com os professores, que seria apresentada nos capítulos seguintes:

A questão é saber o que – e como – a sociedade está expressando por meio do processo de educação corporal formal. Nesse sentido, analisar as representações que os professores possuem, tanto a respeito do corpo como a respeito de sua prática profissional, apresenta-se como importante tarefa quando se objetivam a reciclagem desses profissionais e a consequente qualificação do seu trabalho (DAOLIO, 1995, p.49).

Em relação à contribuição de Clifford Geertz, posso dizer que foi das mais profícuas, não só para a compreensão que passei a ter da Antropologia, mas também apontando novos caminhos para a pesquisa em Educação Física escolar. Como disse, esse autor era, na época, novidade no próprio Departamento de Antropologia da USP pelo seu livro “A Interpretação das Culturas”, que havia sido traduzido alguns anos antes. Geertz propunha uma Antropologia Interpretativa, considerando o papel intersubjetivo do antropólogo. Com influências da Filosofia de Wittgenstein e da Semiótica de Peirce, Geertz afirmava que a cultura é pública porque os significados são públicos e que o objetivo da Antropologia seria tentar compreender porque os seres humanos, imersos numa “teia de significados”, fazem o que fazem e como justificam o que fazem. Para ele, a Antropologia deveria ser vista não como ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 1989).

Essa visão de Cultura como fazendo parte do cotidiano dos seres humanos, tecendo uma teia de significados (termo utilizado pelo autor), sendo atualizada e ressignificada constantemente permitiu considerar a prática docente como parte desse processo. Quando os professores planejam suas aulas e quando as operacionalizam cotidianamente, não estão somente colocando em prática determinados conteúdos ou visões de área ou de currículo escolar. Estão atuando como seres de cultura, situados e imersos nessa dinâmica, com valores, princípios, preconceitos, crenças, lembranças, visões de mundo, expectativas em relação aos alunos, enfim, possuem um papel social. Interação com os alunos, também situados numa dinâmica cultural; relacionam-se com colegas professores; defendem suas ações perante uma coordenação pedagógica de uma escola que ocupa e preenche um determinado lugar social num certo bairro de uma cidade, de um país. Afirmamos desde essa época que a prática escolar de Educação Física, entre professores e alunos é, por definição, cultural. Falar atualmente de uma Educação Física cultural, mais do que modismo, chega a ser pleonasma.

Compreender a Educação Física como fenômeno sociocultural foi o objetivo a que me propus não somente na minha pesquisa de mestrado, mas durante toda a minha vida acadêmica. Pude desenvolver esses estudos com meus orientandos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, aprofundando a compreensão que tínhamos da Antropologia a partir de Geertz e também a compreensão da área de Educação Física. Agradeço meus orientandos que me ajudaram nesse propósito.

No meu doutorado, defendido em 1997, pude aprofundar as ideias de Clifford Geertz na tese intitulada Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980 (DAOLIO, 1997), que saiu em livro pela Editora Papyrus com o mesmo título em 1998. Nesse livro eu utilizei a contribuição de Geertz para analisar os autores influentes na área de Educação Física na década de 1980 (DAOLIO, 1998). Na minha tese de livre docência, de 2002, continuei com esse propósito, analisando o conceito de Cultura utilizado pelas várias correntes teóricas da Educação Física (DAOLIO, 2002). Parte do texto da tese foi publicada em livro pela Editora Autores Associados em 2004, com o título “Educação Física e o Conceito de Cultura” (DAOLIO, 2004). Os avanços e aprofundamentos dessa linha de estudos com base na Antropologia Social podem ser acessados a partir das produções acadêmicas de meus orientandos.

Outra contribuição importante que vejo do acesso do referencial teórico antropológico pela Educação Física foi em relação ao método utilizado para a tentativa sempre incompleta de analisar o comportamento humano na dinâmica cultural, a chamada etnografia. Surgida como método entre os primeiros antropólogos que se dispuseram a ir a campo compreender seres humanos que viviam distantes e com hábitos tidos na época como exóticos, esse método foi importante também para o campo da Educação e da Educação Física. Chamada por Geertz de “descrição densa”, o objetivo era o de tentar se aproximar dos sujeitos e dos grupos para compreender o conjunto de significados que dão sentido às ações humanas. Essa descrição, segundo o autor, deve ser feita de forma interpretativa, considerando o caráter intersubjetivo da relação pesquisador-pesquisados, e o que ela se propõe a interpretar é o fluxo do discurso social (GEERTZ, 1989). Considero essa contribuição de Geertz em relação ao método etnográfico importante para a área de Educação Física, que sempre foi refém das abordagens quantitativas. Se a atuação docente for considerada como prática cultural, sua compreensão deve ser feita não por meio de protocolos rígidos, mensurações ou análises comportamentais, mas por meio de um processo de aproximação e compreensão dos significados que dão sentido às ações docentes. De fato, posso constatar hoje que os métodos etnográficos, originários da Antropologia do início do século XX, com suas variações de abordagens, têm sido muito utilizados no campo da Educação e da Educação Física.

Uma discussão que empreendi na dissertação e no livro há 30 anos e acredito ter sido importante, sendo constantemente retomada por vários autores até hoje, é a dificuldade histórica da área de Educação Física em lidar com a diferença apresentada pelos alunos. E não se trata apenas das diferenças físicas, mas das especificidades culturais dos alunos. A partir do conceito de alteridade, termo caro ao método antropológico por expressar a tentativa do pesquisador de sempre se colocar na condição do pesquisado a fim de compreender sua inserção sociocultural, é possível vislumbrar uma prática de Educação Física que considere as especificidades culturais dos alunos e consiga ter maior alcance e interação com os alunos, reconhecendo suas diferenças.

Concluí o meu livro com o seguinte trecho:

Uma Educação Física escolar que considere o princípio da alteridade saberá reconhecer as diferenças – não só físicas, mas também culturais – expressas pelos alunos, garantindo assim o direito de todos à sua prática. A diferença deixará de ser critério para justificar preconceitos, que causam constrangimentos e levam à subjugação dos alunos, para se tornar condição

de sua igualdade, garantindo, assim, a afirmação do seu direito à diferença, condição do pleno exercício da cidadania. Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças (DAOLIO, 1995, p.100).

Tenho orgulho de ter escrito esse trabalho há 30 anos, conseguindo com muito esforço, certa dose de sorte e alguma intuição, vislumbrar novas perspectivas para os estudos da Educação Física, sobretudo a área escolar. Poderia ter feito tudo isso e não constatar a enorme repercussão que o livro teve e ainda tem no meio acadêmico e profissional da Educação Física. E essa repercussão me auxiliou na interação com muitas pessoas, gerando diálogos e profícuos encontros que me estimularam a aprofundar os estudos antropológicos voltados à área de Educação Física. Só posso agradecer.

Na apresentação do meu livro, lembrando da apresentação que minha primeira orientadora de mestrado fez do seu, escrevi: “O que um autor deve esperar do seu livro? É difícil responder. A Carmen Cinira, na apresentação de *Tempo de Gênese*, dizia que esperava que seu livro tivesse sabor doce. Eu me contentaria apenas que o meu tivesse sabor” (DAOLIO, 1995, p.14).

## REFERÊNCIAS

- BRUHNS, H. T. (org.). **Conversando sobre o corpo**. Campinas: Papyrus, 1986.
- DAOLIO, J. Contribuições da antropologia ao estudo da aprendizagem motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 10, n. 2, p. 65-68, 1989a.
- DAOLIO, J. O drama do futebol brasileiro. **Revista Paulista de Educação Física**, v.3, n. 5, p. 57-61, 1989b.
- DAOLIO, J. **A representação do trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão**. 1992. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- DAOLIO, J. O trabalho do professor de educação física na escola: do corpo matéria prima ao corpo cidadão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, n.2, p. 181-185, 1994.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DAOLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 80**. 1997. 97f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- DAOLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papyrus, 1998.
- DAOLIO, J. **A cultura da/na educação física**. 2002. 116 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- FREIRE, J. B. Prefácio. In: DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 9-11.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

**Recebido em:** 03 nov. 2022.

**Aprovado em:** 18 nov. 2022.